

Para Vagabundos, Desempregados, Deserdados e Miseráveis

Lucy E. Parsons

4 de outubro de 1884

Uma palavra para os 35.000 que agora percorrem as ruas desta grande cidade, com as mãos nos bolsos, olhando apáticos sobre você a evidência da riqueza e do prazer dos quais você não tem parte, insuficiente para comprar um pouco de comida com a qual apaziguar as dores da fome que agora agitam seus órgãos vitais. É com você e com as centenas de milhares de outras pessoas igualmente localizadas nesta grande terra da abundância, que desejo ter uma palavra.

Você não trabalhou duro a vida inteira, desde que tinha idade suficiente para que seu trabalho fosse útil na produção de riqueza? Você não trabalhou muito, duro e laboriosamente na produção de riqueza? E em todos esses anos de trabalho árduo, você não sabe que produziu milhares e milhares de dólares em riqueza, o que você não produzia agora, e não agora, e a menos que você aja, nunca terá alguma parte? Você não sabia que, quando estava ligado a uma máquina dessas a vapor, e assim trabalhou suas 10, 12 e 16 horas nas 24, que durante esse período em todos esses anos você recebeu apenas o suficiente de seu produto de trabalho fornecer a si mesmo as necessidades básicas e nuas da vida e que, quando você desejava comprar algo para si e para a família, sempre tinha a qualidade mais barata? Se você quisesse ir a algum lugar, teria que esperar até domingo, tão pouco recebeu pelo seu trabalho incessante que não se atreve a parar por um momento, por assim dizer? E você não sabe que, com todo o seu aperto, beliscão e economia, você nunca conseguiu ficar apenas alguns dias à frente dos lobos da carência? E, finalmente, quando o capricho de seu empregador considerou adequado criar uma fome artificial limitando a produção, que os incêndios na fornalha foram extintos, o cavalo de ferro ao qual você tinha sido aproveitado ficou quieto; a porta da fábrica trancou, você virou para a estrada um vagabundo, com fome no estômago e farrapos nas costas?

No entanto, seu empregador lhe disse que era a superprodução que o fez fechar. Quem se importou com as amargas lágrimas e dores de coração de sua esposa amorosa e filhos indefesos, quando você lhes deu um amoroso “Deus te abençoe” e virou à estrada do vagabundo para procurar emprego em outro lugar? Eu digo, quem se importava com essas mágoas e dores? Você era apenas um vagabundo agora, a ser execrado e denunciado como “vagabundo sem valor e vagabundo” por aquela mesma classe que esteve envolvida durante todos esses anos roubando você e os seus. Então você não pode ver que o “bom chefe” ou o “mau chefe” não cortam nada? que você é a presa comum de ambos e que a missão deles é simplesmente roubo? Você não vê que é o SISTEMA INDUSTRIAL e não o “chefe” que deve ser mudado?

Agora, quando todos esses dias brilhantes de verão e outono estão passando e você não tem emprego, e conseqüentemente não pode economizar nada, e quando a explosão do inverno varre o norte e toda a terra está envolta em uma mortalha de gelo, não ouça à voz do hipócrita que lhe dirá que foi ordenado por Deus que “os pobres sempre têm”; ou ao ladrão arrogante que lhe dirá que você “consumiu todos os seus salários no último verão quando trabalhava, e essa é a razão pela qual você não tem nada agora, e a casa de trabalho ou o local de trabalho é muito bom para você; que você deve levar um tiro.” E atirará em você, se você apresentar suas petições de maneira enfática demais. Portanto, não dê ouvidos a eles, mas liste! No próximo inverno, quando as rajadas frias rastejarem nos aluguéis de suas roupas decadentes, quando o gelo estiver mordendo seus pés através dos buracos nos seus sapatos gastos, e quando toda a miséria parecer ter se centrado dentro e sobre você, quando a miséria tiver marcado você por ela mesma e a vida se tornou um fardo e a existência uma zombaria, quando você andou pelas ruas durante o dia e dormiu sobre pranchas duras à noite e, finalmente, determina por sua própria mão tirar a sua vida – pois você prefere ir no nada absoluto do que suportar mais uma existência que se tornou um fardo – assim, por acaso, você decide se lançar no abraço frio do lago, em vez de sofrer por mais tempo. Mas pare, antes de cometer este último ato trágico no drama de sua simples existência. Pare! Não há nada que você possa fazer para garantir aqueles que estão prestes a se tornar órfãos, contra um destino semelhante? As ondas só se lançam sobre você em zombaria do seu ato precipitado; mas passeie pelas avenidas dos ricos e olhe através das magníficas janelas em placas para suas casas voluptuosas, e aqui você descobrirá os ladrões muito idênticos que despojaram você e os seus. Então deixe sua tragédia ser representada aqui! Desperte-os do seu esporte desonesto às suas custas! Envie sua petição e deixe que a leiam pelo brilho vermelho da destruição. Assim, quando você lança “um longo olhar para trás”, pode ter certeza de que falou com esses ladrões na única língua que eles foram capazes de entender, pois eles ainda não se dignaram a notar qualquer petição de seus escravos. Não foram obrigados a ler pelo brilho vermelho que brotava das bocas do canhão, ou que não lhes foi entregue na ponta da espada. Você não

precisa de organização quando decide apresentar esse tipo de petição. De fato, uma organização seria um prejuízo para você; mas cada um de vocês vagabundos famintos que leem essas linhas se valem daqueles pequenos métodos de guerra que a Ciência colocou nas mãos do pobre homem, e vocês se tornarão um poder nesta ou em qualquer outra terra.

Aprenda o uso de explosivos!

Dedicado aos vagabundos por Lucy E. Parsons.

Biblioteca Anarquista



Lucy E. Parsons

Para Vagabundos, Desempregados, Deserdados e Miseráveis
4 de outubro de 1884

Instituto de Estudos Libertários: ielibertarios.wordpress.com

Título original "To Tramps", revista "Alarm", também impresso e distribuído como folheto pela
Associação Internacional dos Trabalhadores (AIT). Tradução e adaptação por: Inaê Diana
Ashokasundari Shrivya da Costa Rossi

bibliotecaanarquista.org